





Cronicar em parceria: inspiração e transpiração

▶ objetivos

- Produzir coletivamente uma crônica, inspirando-se na leitura, discussão e análise de uma crônica e escolhendo uma perspectiva própria para a escrita.
- Analisar a produção coletiva em relação às características do gênero crônica e aos efeitos de sentido pretendidos.
- Reescrever coletivamente o texto produzido para aperfeiçoá-lo.

▶ prepare-se!

A escrita coletiva – *o fazer junto* – possibilita aos alunos uma experiência modelar, que vai ajudá-los na elaboração da escrita individual. Sua orientação é essencial. Leia as sugestões desta oficina e planeje detalhadamente como fará isso com os alunos.

Cronicar em parceria: inspiração e transpiração

Escrever crônicas envolve conhecer possibilidades, ler diferentes autores, prestando atenção no que escrevem e em como escrevem. Requer experimentar e praticar, em conjunto e individualmente, a escrita da sua própria versão de uma crônica que você leu e de novas crônicas. Implica em compartilhar ideias e alternativas e tomar decisões e, desse modo, construir a sua própria voz de cronista.

A escrita coletiva possibilita aos alunos vivenciarem, juntos e de maneira colaborativa, a prática de buscar o gancho para a escrita, de pensar no que gostariam de dizer, de organizar ideias por escrito, pensar em modos de dizer e seus possíveis efeitos de sentido, de aguçar o olhar para detalhes do texto, de reescrever para aprimorar. Escrevendo juntos, eles irão conhecer os movimentos e os desafios da escrita, compartilhar dúvidas e soluções e saber que podem contar com a ajuda do colega para aprender e construir o seu próprio texto. Nesta oficina sugerimos a construção de um texto coletivo a partir da leitura da crônica “Tatuagens para todos”, de Carol Bensimon. Confira as sugestões de leitura e de escrita colaborativa e planeje a sua aula.

1ª etapa

Leitura de uma crônica para trocar ideias e inspirar-se para a escrita coletiva

Tatuagens para todos

1

Carol Bensimon²

Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem - a tela em branco entre os amigos, a pessoa que não muda tanto assim, mas que tem medo do aspecto permanente da tinta. Um belo dia, no entanto, começo a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá blá blá. Instantes depois, estou falando sobre essa vontade no Facebook. Estou pedindo opiniões. Estou recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passa o contato de uma tatuadora que está com a agenda cheia pelos próximos 10 meses. Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?

Começo a pensar sobre a popularização da tatuagem e deixo minha árvore meio de lado. Melhor ter certeza. Sinto que apenas isso - “um tempo para amadurecer a ideia” - já me coloca anos-luz distante do pessoal de vinte e poucos anos, que normalmente não frita a cabeça refletindo sobre o desenho perfeito, o mais significativo entre todas as opções cogitadas, ou se ele vai fazer sentido depois de uma década ou mais. Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2014, 36% dos jovens norte-americanos de 18 a 25 anos tinham ao menos uma tatuagem.

Quando falamos em tatuagem, não há dúvida de que estamos falando da construção e da exposição de uma identidade. Nessa segunda metade do século 21, além de querermos nos sentir muito especiais e únicos, parece que precisamos estampar o que somos em praça pública - ou na arena virtual - o mais rápido possível, já que quase ninguém tem tempo ou paciência para se conhecer de fato. Nesse sentido, etiquetas facilitam e likes são muito bem-vindos. Em texto para a revista The Atlantic sobre tatuagens, o escritor Chris Weller resume muito bem essa ideia: “A modernidade nos leva a declarar nossa identidade com convicção, quer já a tenhamos encontrado ou não.”

Weller acredita, além disso, que o ato de tatuar-se não se relaciona simplesmente com a busca por esse “eu”; a narrativa que vai se construindo na pele é a própria identidade. Ler esse acúmulo de desenhos e frases como uma narrativa da vida de alguém, aliás, pode explicar o fato de que a maioria dos tatuados consegue lidar com marcas do passado que talvez não façam tanto sentido hoje, algo semelhante a “essa cicatriz aqui foi de quando sofri um acidente de moto”. Uma parte de nossa história, em resumo, para o bem ou para o mal. Ainda assim, segundo uma pesquisa divulgada pelo The Guardian, 23% dos adultos britânicos se dizem arrependidos de ter feito uma tatuagem.

Um tempo atrás, eu achava que essa questão da permanência era de certa forma uma contradição, afinal havia nas tatuagens algo de tão instantâneo, tão transitório, tão dependente da estética de determinado período, que o fato de elas serem algo inapagável me parecia uma espécie de “apesar”. O mesmo para a dor do processo (em uma época em que tentamos a todo custo evitar dores, físicas ou psicológicas). De maneira que fiquei surpresa quando, no já citado texto, Weller oferece uma outra chave de interpretação: a nova geração não está fugindo de um senso de estabilidade e permanência, mas está buscando isso desesperadamente. Faz sentido. Ela está dizendo que não quer que o mundo gire tão rápido. Que precisa se definir, ser e ter alguma coisa, no meio desse turbilhão. Soma-se a isso o fato de que, diferente das anteriores, essa é uma geração que ainda não conquistou coisas concretas (e alguns deles simplesmente não estão interessados nisso). Se não há carros, casas, carreiras sólidas, relacionamentos de décadas, há então tatuagens. Algo que dure. Precisamos todos de algo que dure.

1. Crônica publicada no livro *Uma estranha na cidade*. Porto Alegre: Editora Dubliense, 2016, pp. 26-28.
2. Nasceu em Porto Alegre, em 1982. Seu primeiro livro, *Pó de Parede* (Não Editora), um tríptico de novelas, foi publicado em 2008, enquanto cursava o mestrado em Escrita Criativa, na PUC-RS. Depois, publicou três romances, todos pela Companhia das Letras: *Sinuca embaixo d'água* (2009), *Todos nós adorávamos caubóis* (2013) e *O clube dos jardineiros de fumaça* (2017). Em 2012, foi incluída na edição “Os Melhores Jovens Escritores Brasileiros”, da revista britânica *Granta*. Saiba mais sobre a autora em <https://www.carolbensimon.com/bio>.

1ª etapa

Leitura de uma crônica para trocar ideias e inspirar-se para a escrita coletiva

atividades

Organize os alunos em semicírculo para facilitar a interação e a participação de todos na discussão da leitura, na análise da crônica e na negociação de escrita coletiva do texto.

Explique que eles vão ler uma crônica e discuti-la para depois escrever colaborativamente.

- ▷ Discuta com os alunos suas expectativas de leitura a partir do título “Tatuagem para todos”.

- ▷ Peça que a turma leia em silêncio o primeiro parágrafo e o início do segundo até a frase “Melhor ter certeza” e discuta:
 - ▶ Qual é a situação apresentada no texto?
 - ▶ De que modo as características atribuídas à narradora contribuem para essa situação? Que reflexões poderiam ser feitas a partir da situação levantada?

- ▷ Siga lendo o texto até o final do quarto parágrafo e discuta:
 - ▶ Quais reflexões a dúvida “fazer ou não fazer uma tatuagem” gerou?
 - ▶ Que opiniões e dados são apresentados para trazer diferentes perspectivas sobre o tema? Que outras perspectivas poderiam ser levantadas?

- ▷ Convide a turma a ler o último parágrafo e expressar seus entendimentos, reações e opiniões:
 - ▶ Há uma mudança de opinião da narradora sobre as tatuagens? Se sim, o que mudou? O que no texto aponta para isso?
 - ▶ Você concorda com a conclusão da crônica? Por quê?

- ▷ Construa na lousa o quadro a seguir e completá-lo com os alunos a partir das seguintes perguntas: Como as relações entre tatuagem e identidade são construídas ao longo do texto? O que fazer uma tatuagem diz sobre as pessoas?

Parágrafo	Características de quem faz uma tatuagem
1	não ter medo de mudar e não ter medo do que é permanente
2	aceitar imperfeições e mudanças de opinião ao longo do tempo
3	querer expor rápida e publicamente o que se é mesmo que ainda não se conheça bem (a busca pelo “eu”)
4	estar construindo a própria identidade a partir da narrativa das tatuagens
5	ser e ter alguma coisa que dure (em um mundo que gira rápido demais)

▷ Amplie a discussão, em grupos ou em conjunto, a relação do tema com “o lugar onde vivo” desde as suas perspectivas:

- ▶ Que opiniões você ou o seu grupo tem sobre tatuagens ou outros aspectos relacionados à aparência (piercing, estilo de cabelo, estilo de vestir, etc.)? Que valores são associados a esses aspectos em diferentes contextos? Esses valores mudaram ao longo do tempo? Dê exemplos.
- ▶ Que aspectos expõem as identidades de sua geração? De outras gerações?
- ▶ Que valores são importantes para a sua geração? Para outras gerações?
- ▶ A partir do seu ponto de vista, que outro final / título / tom (poético, bem-humorado, crítico, lírico, crítico etc.) você daria à crônica? Como ficaria o texto?

2ª etapa

Estudo da construção da voz, da organização composicional e dos efeitos de sentido de aspectos linguístico-discursivos



atividades

- ▷ Analise com o grupo a construção da voz na crônica (em primeira pessoa: autor-personagem).
 - ▷ Observe com a turma a organização de parágrafos e os efeitos de sentido de tempos verbais e justaposição de orações no texto.
 - ▷ Explore o início e o final da crônica, e levante outras possibilidades para compreender efeitos de sentido pretendidos.
 - ▷ Escreva na lousa as citações a seguir e, após discuti-las com a turma, proponha que, em duplas ou grupos, os alunos apontem na crônica trechos em que a voz do texto (o “eu” da escrita, a persona ficcional) se constitui como a voz do autor empírico (o sujeito social, histórico e ideológico que produziu o texto e que fala de si próprio, do que observa e do que pensa). Você pode perguntar: Que marcas textuais constroem a voz do texto (quem escreve)? Esses trechos poderiam ser também a voz do autor empírico? Qual é o efeito de sentido dessa reciprocidade?
- Discuta os trechos apontados pelos alunos, salientando como, na crônica, a construção da voz no texto é essencial para que o diálogo com o leitor seja estabelecido. O pacto de leitura leva em conta que a crônica é um gênero que pode reunir características de realidade e de ficção.

[...] nas crônicas de inscrição subjetiva, há uma voz textual recíproca à identidade do autor empírico, o que verificamos por meio de indícios textuais, entre eles informações biográficas, nome do autor, entre outros. Esse enunciador fala sobre sua identidade, sobre sua trajetória, como acontece em gêneros biográficos – autobiografia, cartas, diários etc. Ao falar de si, o cronista cria uma persona, uma imagem, quase uma personagem [...]. Dessas imprecisões, bem como dos discursos assumidos, pode surgir uma autoficção, um “dizer a si mesmo” que não se aprisiona ao factual, que é, também, criação. (BECKER, 2013a, p. 46)

[...] por definição [a crônica] não pretende ser ficcional in toto, e portanto [é] um texto da ordem da dissertação no sentido de ser um depoimento de uma voz real, de alguma pessoa real. (FISCHER, 2009, p. 82)

▷ Registre na lousa o quadro a seguir, para analisar o propósito de cada parágrafo e os tempos verbais utilizados. Complete as informações sobre o primeiro parágrafo com a turma, para dar um exemplo, e peça que, em duplas, completem as informações sobre os demais parágrafos. Após, discuta as respostas com a turma.

Parágrafo	Propósito	Tempo verbal e função
1	Apresentação da questão: a partir da vontade de fazer uma tatuagem, pergunta sobre a razão de as pessoas quererem fazer uma tatuagem	Passado – referir-se a uma ação no passado Presente – descrever fluxo de pensamento e narrar um acontecimento no passado
2	A partir da questão levantada, relaciona a tatuagem com uma geração	Presente – descrever fluxo de pensamento Passado – apresentar resultado de pesquisa
3	Relaciona a tatuagem com a necessidade contemporânea de exposição da identidade	Presente – refletir sobre os sentidos atuais da tatuagem
4	Relaciona a tatuagem com a necessidade contemporânea de construir a identidade	Presente – refletir sobre os sentidos atuais da tatuagem Passado – fala para referir-se a uma tatuagem feita
5	Expressa a mudança de opinião sobre o sentido atribuído à tatuagem	Passado – expressar opinião anterior Presente – expressar opinião atual

▷ Analise com a turma as opções da autora para a construção do **primeiro parágrafo** e os efeitos de sentido provocados pelos tempos verbais e pelas orações justapostas (ao invés de orações coordenadas). Com base nas atividades a seguir, explique os efeitos de sentido do uso do presente histórico, contrastando-o com o uso dos verbos no passado. Discuta também o efeito de sentido do uso de orações justapostas em contraste com orações subordinadas temporais. Confira se os alunos percebem como o uso do presente histórico e a justaposição de orações conferem vivacidade ao texto, convidando o leitor a se colocar na cena descrita como se tivesse presenciando os acontecimentos.

- ▶ “Sou o último ser humano que se imaginava com uma tatuagem” Quais efeitos esse modo de iniciar a crônica pode causar no leitor? Sugira outros modos de começar. Que efeitos poderiam causar?
- ▶ “Por que agora todo o tipo de gente, de todas as idades, quer rosas, nomes de filho, frases em alemão ou robôs guerreiros na pele?” Que efeitos esse modo de finalizar o primeiro parágrafo pode causar no leitor? Sugira outros modos de escrever esse trecho. Que efeitos poderiam causar?
- ▶ Compare as seguintes versões com o mesmo trecho escrito pela autora. Quais são as diferenças? Em comparação com o original, que efeitos de sentido são perdidos ou acrescentados pelos diferentes modos de dizer?

Um belo dia, no entanto, comecei a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá-blá-blá. Instantes depois, estava falando sobre essa vontade no facebook. Estava pedindo opiniões. Estava recebendo incontáveis incentivos. Um conhecido me passou o contato de uma tatuadora que estava com a agenda cheia pelos dez meses seguintes.

Um belo dia, no entanto, comecei a pensar em carregar para sempre no braço um tipo específico de árvore, que simbolizaria uma experiência x, muito importante na minha vida, e blá-blá-blá. Logo que surgiu a ideia, falei sobre essa vontade no facebook. Depois de pedir opiniões e receber incontáveis incentivos, um conhecido me passou o contato de uma tatuadora que estava com a agenda cheia pelos dez meses seguintes.

▷ Verifique com a turma as opções da autora para a construção do último parágrafo discutindo as seguintes perguntas: De que modo o texto apresenta a mudança de opinião sobre o sentido de tatuagens? O que a frase “Faz sentido” expressa nesse parágrafo? De que modo a última frase se relaciona com o título da crônica?

Depois, levante com a turma modos alternativos para:

- ▶ expressar a mudança de opinião da narradora, por exemplo, com expressões referenciais opostas (substantivos e adjetivos); orações justapostas ou subordinadas para marcar o antes e o agora; uma narrativa de ter feito uma tatuagem e o que o corpo dizia antes e diz agora;
- ▶ finalizar a crônica, por exemplo, expressando um sentimento, formulando uma pergunta, marcando uma nova voz para o autor do texto.

▷ Pratique o uso do presente histórico e de orações justapostas na narrativa. Você pode solicitar aos alunos que contem algum acontecimento que vivenciaram usando esses recursos. Eles podem contar oralmente em aula, e depois a turma reflete sobre como esse jeito de contar e descrever uma sequência de ações se relaciona com movimentos do corpo (inflexões de voz, gestos, olhares, etc.) para trazer a cena para o momento atual. Podem também selecionar cenas de filmes e contá-las por escrito (um grupo usa presente histórico e orações justapostas; outro grupo usa verbos no passado e orações subordinadas temporais) para que o outro grupo descubra de que filme é a cena. Depois analisarem em conjunto as diferenças dos modos de narrar. diferentes modos de dizer?

3ª etapa

Geração de ideias

atividades

Levante, a partir da crônica lida com a turma, ideias sobre o que eles vão escrever, buscando o que mais se aproxima dos desafios identitários do grupo, para que possam falar do seu lugar de vida e de modo autoral.

▷ Escreva na lousa a primeira frase da crônica lida: “Sou o último ser humano que se imaginava...” e peça que a turma dê sugestões para completá-la com algo inusitado para eles, anotando-as na lousa. Você também pode preparar saquinhos diferentes com várias opções e distribuí-los para grupos de alunos, para que conversem sobre as sugestões e levantem outras ideias. Por exemplo: ...com piercing no nariz, com cabelo raspado, de terno e gravata, escrevendo uma crônica, concorrendo para representante de classe, mudando de bairro/cidade, estudando nesta escola, cuidando de um bebê, morando no campo.

▷ Peça aos alunos que selecionem das frases que elaboraram duas que consideram interessantes para escrever uma crônica. Escreva-as na lousa em colunas e peça para os alunos levantarem ideias que poderiam desenvolver. Você pode instigá-los com perguntas e ir anotando na lousa as ideias.

- ▶ Por que não se imaginavam assim (ou fazendo isso)? O que pensavam sobre isso?
- ▶ Que significados são atribuídos a tal comportamento?
- ▶ Como esse comportamento se relaciona à exposição e à construção da identidade de sua geração e de sua própria identidade no lugar onde vive?
- ▶ Que outras perspectivas há? O que sabem e o que descobriram ao ler e conversar sobre o tema com colegas e com pessoas de outras gerações?
- ▶ Como mudaram ou poderiam mudar de opinião?
- ▶ Que reflexões podem ser feitas a partir dessa mudança de opinião? Essas reflexões podem inspirar um título interessante para a crônica?

Começar com duas alternativas permite dar-se conta de que talvez para uma delas eles tenham mais conhecimentos para contribuir, e que a outra exigiria pesquisa. Eles então escolhem a opção que será escrita coletivamente. Apague a coluna das ideias que não serão utilizadas e use esse espaço para começar a escrita coletiva da crônica selecionada.

4ª etapa

A escrita coletiva

atividades

Elabore com a turma o planejamento do texto e, depois, construam um texto coletivo na lousa. Todos contribuem, opinam, organizam, refletem sobre a seleção de recursos expressivos e seus efeitos de sentido, reescrevem, revisam.

▷ Releia com o grupo as ideias levantadas e construa um esquema para planejar a escrita, fazendo anotações sobre:

- ▶ Como construir o primeiro parágrafo? Como apresentar a situação?
- ▶ Que palavras, frases, sentimentos, imagens querem usar? Como esses elementos podem contribuir para criar a voz e o tom do texto?
- ▶ Quantos parágrafos o texto terá? Qual será o propósito de cada parágrafo? Como eles se relacionam para construir a unidade do texto?
- ▶ Como será o parágrafo final? O que ele deverá retomar para construir a unidade do texto?
- ▶ O que não pode faltar?

▷ Inicie a escrita do texto. Vá coordenando a prática de tomada de decisões e a monitoração da produção escrita, adequando as ideias apresentadas oralmente para o discurso escrito. Nesse momento, a ideia é construir um texto inicial, focalizando a voz do texto, a fluência das ideias, a organização de parágrafos, para ter uma noção do todo.

▷ Releia com os alunos o que eles escreveram, atentando para que os parágrafos estejam organizados em torno do tópico e para que eles se relacionem de modo a construir a coesão do texto como um todo coletivo da crônica selecionada.



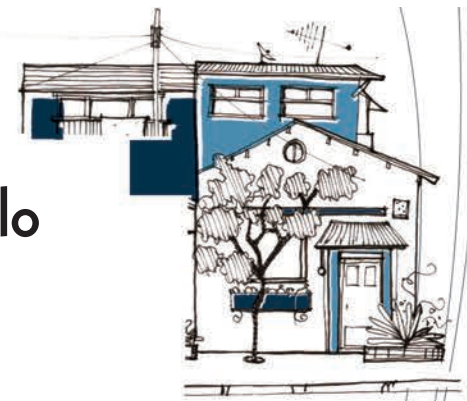
▷ Sugira alternativas de palavras e construções frasais para que a turma possa ir decidindo o que considera mais adequado para construir os efeitos de sentido desejados. Na construção da autoria do texto, é fundamental lidar com alternativas possíveis, selecionar e compreender a razão das escolhas feitas. Você pode instigar essa etapa da escrita com perguntas e sugestões:

- ▶ Este trecho contribui para construir a voz do texto? Que estratégias podem ser usadas para tornar a voz do texto mais clara para o leitor?
- ▶ Esta palavra contribui para construir o tom do texto? Que outra palavra poderia ser usada?
- ▶ Este trecho poderia ficar mais vívido? Que outro jeito de dizer poderia transportar o leitor para a cena narrada?
- ▶ Este trecho poderia ficar mais interessante? Quem conhece uma metáfora para expressar o sentido desse comportamento na perspectiva do narrador?
- ▶ A leitura está fluente? O ritmo está bom? Seria melhor usar conectores neste trecho?
- ▶ Quem sabe aqui uma comparação, uma sequência pergunta-resposta ou causa-consequência?

5ª etapa

Releitura para aperfeiçoar o texto e criar o título

atividades



Releia com a turma o texto escrito. Em duplas ou grupos, os alunos trocam suas impressões sobre a estrutura composicional, os recursos linguístico-discursivos e culturais da crônica, com especial atenção ao uso dos tempos verbais e à coesão do texto, comentando e dando sugestões para aperfeiçoar o texto. Em seguida, decidem sobre o título da crônica.

▷ Distribua o texto escrito para os alunos. Em duplas ou grupos, eles se colocam no lugar de leitores, analisam e anotam sugestões. Você pode ajudá-los a partir de perguntas como:

- ▶ O texto está com jeito de crônica? Por quê? Há algo que não está bem? Como poderia melhorar?
- ▶ Qual é a voz do texto? Está bem construída? Algo a melhorar?
- ▶ Qual é o tom da crônica? Está bem construído? Algo a melhorar?
- ▶ A crônica pode interessar outros leitores? Por quê?
- ▶ Tem algo sobrando? Falta algo?

▷ Compartilhe as opiniões e sugestões de todos, proceda aos ajustes do texto, coordenando a discussão e negociando as alterações, levando em conta a coerência interna do texto e os efeitos de sentido desejados.

▷ Revise o texto para verificar se atende às convenções da escrita (seleção lexical, concordância nominal e verbal, pontuação, ortografia, etc.). É importante levar em conta a voz e o leitor construídos no texto e compreender que as convenções da escrita podem ser rompidas (por exemplo, o texto pode ter marcas da oralidade, apresentar marcas de variedades linguísticas locais ou próprias do autor) para causar determinados efeitos de sentido no leitor. Aproveite para estudar aspectos linguístico-discursivos a partir das necessidades levantadas pelos alunos, trazendo explicações, exemplos e atividades lúdicas para praticá-los.

▷ Escreva na lousa os títulos pensados na etapa 3. Discuta com a turma quais títulos são mais interessantes, se há sugestões para aperfeiçoá-los ou se há novas propostas. Discuta as razões para as preferências. Após a discussão, caso não haja unanimidade, você pode propor uma defesa dos títulos preferidos e uma votação para eleger o título da crônica.

Para saber mais:

Textos mencionados pela autora na crônica “Tatuagem para todos” (em inglês)

Resultados de pesquisa realizada nos Estados Unidos em 2014:

<http://www.pewresearch.org/fact-tank/2008/12/09/tattooed-gen-nexters/>

https://www.huffingtonpost.com/mik-thobocarsen/how-tattoos-went-from-sub_b_6053588.html

Texto de Chris Weller: <https://www.theatlantic.com/health/archive/2014/11/the-identity-crisis-under-the-ink/382785/>

Pesquisa divulgada pelo *The Guardian*: <https://www.theguardian.com/artanddesign/2010/jul/20/tattoos>

Sobre a construção da voz na crônica

BECKER, C. V. A crônica como um (possível) espaço biográfico. *e-escrita Revista do Curso de Letras da UNIABEU*, 4, 2013a. p. 30-46. Disponível em: http://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/viewFile/924/pdf_341

BECKER, C. V. A crônica e suas molduras, um estudo genológico. *Revista Estação Literária*, 11, 2013b. p. 10-26. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/issue/view/1245>

FISCHER, Luís Augusto. *Inteligência com dor - Nelson Rodrigues ensaísta*. Porto Alegre: Arquipélogo, 2009.

Sobre o uso de presente histórico na narrativa

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5.ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

BARBOSA, J.B.; CRUZ, R.C.V. Os valores semânticos do presente do indicativo no português brasileiro: um estudo em blogs. *Entretextos*, Londrina, v. 13, n. 1, p. 53-79, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/viewFile/14446/13155>

Outros textos sobre o assunto:

<http://www.publicacoes.ufes.br/contextoslinguisticos/article/viewFile/5096/3828>

<http://webs.ucm.es/info/circulo/no19/martins.htm>